

## Alguns cálices d'Os *Cálices Vazios*

Gleiton Lentz

Delmira Agustini (1886-1914), poeta uruguaia, nasceu em Montevideu. Representante do modernismo daquele país, publicou três livros em vida: *O Livro Branco* (1907), *Cantos da Manhã* (1910) e *Os Cálices Vazios* (1913), aos quais se segue a edição póstuma *Os Astros do Abismo* (1924). Dona de uma obra poética notável, elogiada por seus contemporâneos, sua poesia é considerada o primeiro grito da sexualidade poética hispano-americana, e revela um universo singular onde o desejo se apresenta e se desnuda em uma voz feminina. Em parte de suas composições, a poeta utiliza-se da figura da mulher como aquela oriunda de uma *outra estirpe*, seja na figura da mulher vampira fatal (de pele marmórea, lábios cor de sangue e olhos de espessas pálpebras) que remonta ao imaginário decadentista, seja na figura da Musa gris, guia suprema de Eros nas paixões sobre-humanas, seja na figura emblemática de Salomé, que quer a cabeça do profeta, que é o homem. Tais criações não surgem em confronto ao desejo e medo masculinos, mas se apresentam como um desejo feminino que autoriza a si mesmo e que gradualmente se libera para expressar o desejo sexual da mulher. Essa intenção aparece sobretudo em seu livro *Os Cálices Vazios*, sua principal obra, onde seu erotismo conjuga com acerto o sonho e a vigília, a paixão exasperada e o pessimismo, os sentimentos de amor e morte.

Tendo em conta o caráter transgressor de sua poesia, é sabido também, após décadas de crítica estanque acerca da obra da poeta, que Delmira questionava, juntamente a outras figuras femininas da época, de outros países, o reconhecimento dos direitos civis e políticos da mulher, fato que resulta evidente na leitura de seus versos.

Esta seleção de alguns cálices de seus *Cálices Vazios* oferece uma mostra do universo poético que afrontou toda uma época e que abriu caminho à poesia feminina na América, influenciando a lírica de Gabriela Mistral, Alfonsina Storni e Tereza de la Parra, entre outras poetas.

### ¡Oh, Tú!

Yo vivía en la torre inclinada  
De la Melancolía...  
Las arañas del tedio, las arañas más grises,  
En silencio y en gris tejían y tejían.

¡Oh la húmeda torre!...  
Llena de la presencia  
Siniestra de un gran búho,  
Como un alma en pena;

Tan mudo que el Silencio en la torre es dos veces;  
Tan triste, que sin verlo nos da frío la inmensa  
Sombra de su tristeza.

Eternamente incuba un gran huevo infecundo,  
Incrustadas las raras pupilas *más allá*;

O caza las arañas del tedio, ó traga amargos  
Hongos de soledad.

El búho de las ruinas ilustres y las almas  
Altas y desoladas!  
Náufraga de la Luz yo me ahogaba en la sombra...  
En la húmeda torre, inclinada á mi misma,  
A veces yo temblaba  
Del horror de mi sima.

\* \* \*

¡Oh Tú que me arrancaste á la torre más fuerte!  
Que alzaste suavemente la sombra como un velo,  
Que me lograste rosas en la nieve del alma,  
Que me lograste llamas en el mármol del cuerpo;  
Que hiciste todo un lago con cisnes, de mi lloro...  
Tú que en mí todo puedes,  
En mí debes ser Dios!  
De tus manos yo quiero hasta el Bien que hace mal...  
Soy el cáliz brillante que colmarás, Señor;  
Soy, caída y erguida como un lirio á tus plantas,  
Más que tuya, mi Dios!  
Perdón, perdón si peco alguna vez, soñando  
Que me abrazas con alas ¡todo mío! en el Sol...

### Oh, Tu!

Eu vivia na torre inclinada  
Da Melancolia...  
As aranhas do tédio, as aranhas mais grises,  
Em silêncio e em gris teciam e teciam.

Oh a úmida torre!...  
Cheia da presença  
Sinistra de um grande mocho,  
Como uma alma em pena;

Tão mudo que o Silêncio na torre é duas vezes;  
Tão triste, que sem vê-lo nos dá frio a imensa  
Sombra de sua tristeza.

Eternamente incubava um grande ovo infecundo,  
Incrustadas as raras pupilas *mais além*;  
Ou caça as aranhas do tédio, ou traga amargos  
Fungos de solidão.

O mocho das ruínas ilustres e das almas  
Altas e desoladas!  
Náufraga da Luz eu me afogava na sombra...  
Na úmida torre, inclinada a mim mesma,  
Às vezes eu tremia  
Do horror de meu abismo.

\* \* \*

Oh Tu que me arrancaste da torre mais forte!  
Que alçaste suavemente a sombra como um véu,  
Que me lograste rosas na neve da alma,  
Que me lograste chamas no mármore do corpo;  
Que fizeste todo um lago com cisnes, de meu choro...  
Tu que em mim tudo podes,  
Em mim deves ser Deus!  
De tuas mãos eu quero até o Bem que faz mal...  
Sou o cálice brilhante que colmarás, Senhor;  
Sou, caída e erguida como um lírio a tuas plantas,  
Mais que tua, meu Deus!  
Perdão, perdão se peço alguma vez, sonhando  
Que me abraças com asas, todo meu!, no Sol...

### **Día Nuestro**

– La tienda de la noche se ha rasgado hacia Oriente. –  
Tu espíritu amanece maravillosamente;  
Su luz entra en mi alma como el sol á un vergel...

– Pleno sol. Llueve fuego. – Tu amor tiente, es la gruta  
Afelpada de musgo, el arroyo, la fruta,  
La deleitosa fruta madura á toda miel.

– El Angelus. – Tus manos son dos alas tranquilas,  
Mi espíritu se dobla como un gajo de lilas,  
Y mi cuerpo te envuelve... tan sutil como un velo.

– El triunfo de la Noche. – De tus manos, más bellas,  
Fluyen todas las sombras y todas las estrellas,  
Y mi cuerpo se vuelve profundo como un cielo!

### Dia Nosso

– A tenda da noite rasgou-se rumo ao Oriente. –  
Teu espírito amanhece maravilhosamente;  
Sua luz em minha alma entra como o sol em um vergel...

– Pleno sol. Chove fogo. – Teu amor tenteia, é a gruta  
Aveludada de musgo, o arroio, a fruta,  
A deleitosa fruta madura é inteira mel.

– O Ângelus. – Tuas mãos são duas asas tranqüilas,  
Meu espírito dobra-se como um galho de lilás,  
E meu corpo te envolve... tão sutil como um véu.

– O triunfo da Noite. – De tuas mãos, mais belas,  
Fluem todas as sombras e todas as estrelas,  
E meu corpo volve-se profundo como um céu!

### Para Tus Manos

Manos que sois de la Vida,  
Manos que sois del Ensueño;  
Que disteis toda belleza  
Que toda belleza os dieron;  
Tan vivas como dos almas,  
Tan blancas como de muerto,  
Tan suaves que se diría  
Acariciar un recuerdo;  
Vasos de los elixires  
Los filtros y los venenos;  
Manos que me disteis gloria  
Manos que me disteis miedo!  
Con finos dedos tomasteis  
La ardiente flor de mi cuerpo...  
Manos que vais enjoradas  
Del rubí de mi deseo,  
La perla de mi tristeza,  
Y el diamante de mi beso:  
¡Llevad á la fosa misma  
Un pétalo de mi cuerpo!  
Manos que sois de la Vida,  
Manos que sois del Ensueño.  
¿En que tela de llamas me envolvieron  
Las arañas de nieve de tus manos?  
Red de tu alma y de tu carne, lía  
Mis alas y mis brazos!

Tú me llegaste de un país tan lejos -  
Que á veces pienso si será soñado...  
Venías á traerme mi destino,  
Talvez desde el Olimpo, en esas manos;  
Y hoy que tu nave peregrina cruza  
No sé que mar al soplo del Acaso,  
Ellas abren sin fin sobre mi vida,  
Como un cielo presente aunque lejano,  
Y de sus palmas armoniosas bajan  
Noches y días alhajados de astros,  
O encapuzados de siniestras nubes  
Que me apuntan sus rayos...

Ellas me alzaron como un lirio roto  
De mi tristeza como de un pantano;  
Me desvelaron de melancolías,  
Obturaron las venas de mi llanto,  
Las corolas de oro de mis lámparas  
De insomnio deshojaron,  
Abrieron deslumbrantes los dormidos  
Capullos de mis astros,  
Y gráciles prendieron en mi pecho  
La rosa del Encanto.

Mis alas embriagadas de pereza,  
Con dulzura balsámica peinaron,  
Les curaron las llagas de la tierra,  
Y apartando las puertas del Milagro,  
Con un gesto que hacía un horizonte  
Una vía de azur me señalaron...



Yo abrí los brazos al tender las alas...  
Quise volar... y desmayé en tus manos!

.....

¿En que tela de fuego me devolvieron  
Las arañas de nieve de tus manos?  
¡Red de tu alma y de tu carne, lía  
Mis alas y mis brazos!

\* \* \*

Manos que sois de la Vida,  
Manos que sois del Ensueño;  
Manos que disteis gloria,  
Manos que me disteis miedo!  
Llevad á la fosa misma  
Un pétalo de mi cuerpo...

– ¿Contendrán esas manos divinas, invisible,  
El doloroso signo de las supremas leyes?...  
Yo creo que solemnes, dominarán al Tiempo!  
Y dulces, juraría que hechizan á la Muerte! –

\* \* \*

Manos que sois de la Vida!  
Manos que sois del Ensueño!  
Manos que me disteis gloria!  
Manos que me disteis miedo!

### Para Tuas Mãos

Mãos que sois da Vida,  
Mãos que sois do Sonho;  
Que destes toda beleza  
Que toda beleza vos deram;  
Tão vivas como duas almas,  
Tão brancas como de morto,  
Tão suaves que se diria  
Acariciar um recorde;  
Cálices dos elixires  
Dos filtros e dos venenos;  
Mãos que me destes glória  
Mãos que me destes medo!  
Com finos dedos tomastes  
A ardente flor de meu corpo...  
Mãos que ides adornadas  
Do rubi de meu desejo,  
A pérola de minha tristeza,  
E o diamante de meu beijo:  
Levai à cova mesma  
Uma pétala de meu corpo!  
Mãos que sois da Vida,  
Mãos que sois do Sonho.  
Em que teia de chamas me envolveram  
As aranhas de neve de tuas mãos?  
Rede de tua alma e de tua carne, ata  
Minhas asas e meus braços!

Tu chegaste a mim de um país tão longe  
Que às vezes penso se será sonhado...  
Vinhas a trazer-me meu destino,  
Talvez desde o Olimpo, nessas mãos;  
E hoje que tua nau peregrina cruza  
Não sei que mar ao sopro do Acaso,  
Elas abrem sem fim sobre minha vida,  
Como um céu presente embora distado,  
E de suas palmas harmoniosas baixam  
Noites e dias adornados de astros,  
Ou encapuzados de sinistras nuvens  
Que me apontam seus raios...

Elas me alçaram como um lírio roto  
De minha tristeza como de um pântano;  
Desvelaram-me de melancolias,  
Obstruíram as veias de meu pranto,  
As corolas de ouro de minhas lâmpadas  
De insônia desfolharam,  
Abriram deslumbrantes os dormidos  
Capulhos de meus astros,  
E graças prenderam em meu peito  
A rosa do Encanto.

Minhas asas embriagadas de preguiça,  
Com doçura balsâmica pentearam,  
Curaram-lhes as chagas da terra,  
E apartando as portas do Milagre,

Com um gesto que fazia um horizonte  
Um caminho azul apontaram-me...  
Eu abri os braços ao estender as asas...  
Quis voar... e desmaiei em tuas mãos!

.....

Em que teia de fogo me envolveram  
As aranhas de neve de tuas mãos?  
Rede de tua alma e de tua carne, ata  
Minhas asas e meus braços!

\* \* \*

Mãos que sois da Vida,  
Mãos que sois do Sonho;  
Mãos que me destes glória,  
Mãos que me destes medo!  
Levai à cova mesma  
Uma pétala de meu corpo...

– Conterão essas mãos divinas, invisível,  
O doloroso signo das supremas leis?...  
Eu creio que solenes dominarão o Tempo!  
E doces, juraria que enfeitiçam a Morte! –

\* \* \*

Mãos que sois da Vida!  
Mãos que sois do Sonho!  
Mãos que me destes glória!  
Mãos que me destes medo!

## El Cisne

Pupila azul de mi parque  
Es el sensitivo espejo  
De un lago claro, muy claro!...  
Tan claro que á veces creo  
Que en su cristalina página  
Se imprime mi pensamiento.

Flor del aire, flor del agua,  
Alma del lago es un cisne  
Con dos pupilas humanas,  
Grave y gentil como un príncipe;  
Alas lirio, remos rosa...  
Pico en fuego, cuello triste  
Y orgulloso, y la blancura  
Y la suavidad de un cisne...

El ave cándida y grave  
Tiene un maléfico encanto;  
– Clavel vestido de lirio,  
Trasciende á llama y milagro!...  
Sus alas blancas me turban  
Como dos cálidos brazos;  
Ningunos labios ardieron  
Como su pico en mis manos;  
Ninguna testa ha caído  
Tan lánguida en mi regazo;

Ninguna carne tan viva,  
He padecido ó gozado:  
Viborean en sus venas  
Filtros dos veces humanos!

Del rubí de la lujuria  
Su testa está coronada:  
Y va arrastrando el deseo  
En una cauda rosada...

Agua le doy en mis manos  
Y él parece beber fuego;  
Y yo parezco ofrecerle  
Todo el vaso de mi cuerpo...

Y vive tanto en mis sueños,  
Y ahonda tanto en mi carne,  
Que á veces pienso si el cisne  
Con sus dos alas fugaces,  
Sus raros ojos humanos  
Y el rojo pico quemante,  
Es solo un cisne en mi lago  
O es en mi vida un amante...

Al margen del lago claro  
Yo le interrogo en silencio...  
Y el silencio es una rosa  
Sobre su pico de fuego...  
Pero en su carne me habla

Y yo en mi carne le entiendo.  
– A veces ¡toda! soy alma;  
Y a veces ¡toda! soy cuerpo. –  
Hunde el pico en mi regazo  
Y se queda como muerto...

Y en la cristalina página,  
En el sensitivo espejo  
Del lago que algunas veces  
Refleja mi pensamiento,  
El cisne asusta de rojo,  
Y yo de blanca doy miedo!

### **O Cisne**

Pupila azul de meu parque  
É o sensitivo espelho  
De um lago claro, mui claro!...  
Tão claro que às vezes creio  
Que em sua cristalina página  
Imprime-se o meu pensamento.

Flor do ar, flor da água,  
Alma do lago é um cisne  
Com duas pupilas humanas,  
Grave e gentil como um príncipe;  
Asas lírio, rêmiges rosa...  
Bico em fogo, colo triste

E orgulhoso, e a brancura  
E a suavidade de um cisne...

A ave cândida e grave  
Tem um maléfico encanto;  
– Cravo vestido de lírio,  
Transcende à chama e ao milagre!...  
Suas asas brancas me turvam  
Como dois cálidos braços;  
Lábios nenhum arderam  
Como seu bico em minhas mãos;  
Nenhuma cabeça caiu  
Tão lânguida em meu regaço;  
Nenhuma carne tão viva,  
Padei ou gozei:  
Serpenteiam em suas veias  
Filtros duas vezes humanos!

Do rubi da luxúria  
Sua cabeça está coroada:  
E vai arrastando o desejo  
Em uma cauda rosada...

Água ofereço em minhas mãos  
E ele parece beber fogo;  
E eu pareço oferecer-lhe  
Toda a taça de meu corpo...  
E vive tanto em meus sonhos,  
E crava tanto em minha carne,



Que às vezes penso se o cisne  
Com suas asas fugazes,  
Seus raros olhos humanos  
E o rubro bico queimante,  
É só um cisne em meu lago  
Ou é em minha vida um amante...

À margem do lago claro  
Eu o interrogo em silêncio...  
E o silêncio é uma rosa  
Sobre seu bico de fogo...  
Mas em sua carne me fala  
E eu em minha carne o entendo.  
– Às vezes, toda!, sou alma;  
E às vezes, toda!, sou corpo. –  
Funde o bico em meu regaço  
E se queda como morto...

E na cristalina página,  
No sensitivo espelho  
Do lago que algumas vezes  
Reflete meu pensamento,  
O cisne assusta de rubro,  
E eu de branca dou medo!

## Plegaria

– Eros: acaso no sentiste nunca  
Piedad de las estatuas?  
Se dirían crisálidas de piedra  
De yo no sé que formidable raza  
En una eterna espera inenarrable.  
Los cráteres dormidos de sus bocas  
Dan la ceniza negra del Silencio,  
Mana de las columnas de sus hombros  
La mortaja copiosa de la Calma,  
Y fluye de sus órbitas la noche;  
Víctimas del Futuro ó del Misterio,  
En capullos terribles y magníficos  
Esperan á la Vida ó á la Muerte.  
Eros: acaso no sentiste nunca  
Piedad de las estatuas? –

Piedad para las vidas  
Que no doran á fuego tus bonanzas  
Ni riegan ó desgajan tus tormentas;  
Piedad para los cuerpos revestidos  
Del arminio solemne de la Calma,  
Y las frentes en luz que sobrellevan  
Grandes lirios marmóreos de pureza,  
Pesados y glaciales como témpanos;  
Piedad para las manos enguantadas  
De hielo, que no arrancan  
Los frutos deleitosos de la Carne

Ni las flores fantásticas del alma;  
Piedad para los ojos que aletean  
Espirituales párpados:  
Escamas de misterio,  
Negros telones de visiones rosas...  
¡Nunca ven nada por mirar tan lejos!  
Piedad para las pulcras cabelleras  
– Místicas aureolas –  
Peinadas como lagos  
Que nunca airéa el abanico negro,  
Negro y enorme de la tempestad;  
Piedad para los ínclitos espíritus  
Tallados en diamante,  
Altos, claros, extáticos  
Pararrayos de cúpulas morales;  
Piedad para los labios como engarces  
Celestes donde fulge  
Invisible la perla de la Hostia;  
– Labios que nunca fueron,  
Que no apresaron nunca  
Un vampiro de fuego  
Con más sed y más hambre que un abismo. –  
Piedad para los sexos sacrosantos  
Que acoraza de una  
Hoja de viña astral la Castidad;  
Piedad para las plantas imantadas  
De eternidad que arrastran  
Por el eterno azur  
Las sandalias quemantes de sus llagas;

Piedad, piedad, piedad  
Para todas las vidas que defiende  
De tus maravillosas intemperies  
El mirador enhiesto del Orgullo:

Apúntales tus soles ó tus rayos!

Eros: acaso no sentiste nunca  
Piedad de las estatuas?...

### Plegária

– Eros: acaso não sentiste nunca  
Piedade das estátuas?  
Dir-se-iam crisálidas de pedra  
De eu não sei que formidável raça  
Em uma eterna espera inenarrável.  
As crateras dormidas de suas bocas  
Dão a cinza negra do Silêncio,  
Emana das colunas de seus ombros  
A mortalha copiosa da Calma,  
E flui de suas órbitas a noite;  
Vítimas do Futuro ou do Mistério,  
Em capulhos terríveis e magníficos  
Esperam a Vida ou a Morte.  
Eros: acaso não sentiste nunca  
Piedade das estátuas? –  
Piedade para as vidas

Que não douram a fogo tuas bonanças  
Nem regam ou desfazem tuas tormentas;  
Piedade para os corpos revestidos  
Do arminho solene da Calma,  
E as fronteiras em luz que suportam  
Grandes lírios marmóreos de pureza,  
Pesados e glaciais como tampões;  
Piedade para as mãos enluvadas  
De gelo, que não arrancam  
Os frutos deleitosos da Carne  
Nem as flores fantásticas da alma;  
Piedade para os olhos que esvoaçam  
Espirituais pálpebras:  
Escamas de mistério,  
Negros tecidos de róseas visões...  
Nunca vêem nada por olhar tão longe!  
Piedade para as pulcras cabeleiras  
– Místicas auréolas –  
Penteadas como lagos  
Que nunca areja o leque negro,  
Negro e enorme da tempestade;  
Piedade para os ínclitos espíritos  
Talhados em diamante,  
Altos, claros, estáticos  
Pára-raios de cúpulas morais;  
Piedade para os lábios como engrenagens  
Celestes onde fulge  
Invisível a pérola da Hóstia;  
– Lábios que nunca foram,

Que não apressaram nunca  
Um vampiro de fogo  
Com mais sede e mais fome que um abismo. –  
Piedade para os sexos sacrossantos  
Que encouraça de uma  
Folha de vinha astral a Castidade;  
Piedade para as plantas imanadas  
De eternidade que arrastam  
Pelo eterno azul  
As sandálias queimantes de suas chagas;  
Piedade, piedade, piedade  
Para todas as vidas que defende  
De tuas maravilhosas intempéries  
O mirante ereto do Orgulho:

Aponta-lhes teus sóis ou teus raios!

Eros: acaso não sentiste nunca  
Piedade das estátuas?...

## **Bibliografia**

AGUSTINI, Delmira. *Obras Completas de Delmira Agustini*. Montevideo: Maximino García, editor, 1924, vols I e II.

\_\_\_\_\_. *Poesías Completas*. Edición, introducción y notas de Alejandro Cáceres. Montevideo: Ediciones de La Plaza, 1999.

\_\_\_\_\_. *Líricas: Poesias Seleccionadas*. Tradução e notas de Gleiton Lentz. Desterro: Nephelibata, 2005.

BENVENUTO, Ofelia Machado. *Delmira Agustini*. Montevideo: Ceibo, 1944.

CORTAZZO, Uruguay *et al.* *Delmira Agustini: Nuevas Penetraciones Críticas*. Montevideo: Vintén Editor, 1996.

## **Texto traduzido**

AGUSTINI, Delmira. *Los Cálices Vacíos*. Montevideo: O.M. Bertani, editor, 1913.